

## FORMAÇÃO RELIGIOSA E REALIZAÇÃO PESSOAL

### **César de Alencar Arnaut de Toledo**

Doutor em Educação pela UNICAMP (1996), professor no Departamento de Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PR).

E-mail: [caatoledo@uem.br](mailto:caatoledo@uem.br)

### **Sidney Fabril**

Padre diocesano em Maringá e mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PR).

E-mail: [sdnfbf@ig.com.br](mailto:sdnfbf@ig.com.br)

VALLE, Edênio (org.); BENEDETTI, Luiz Roberto; ANTONIAZZI, Alberto. *Padre, você é feliz?* Uma abordagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Loyola, 2004. 149 páginas.

João Edênio Reis Valle é padre da Congregação do Verbo Divino, psicólogo, assessor da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e professor na PUC de São Paulo. Autor de várias outras obras, tais como: *Viver e anunciar a Palavra, Psicologia e experiência religiosa, Que futuro para a vida religiosa no Brasil, Sexualidade: cultura, ética e vida religiosa, Século XXI interpela a vida religiosa brasileira*. Luiz Roberto Benedetti é padre do clero secular de Campinas e Sociólogo. Alberto Antoniazzi foi padre do clero secular de Belo Horizonte, teólogo, pastoralista, assessor da CNBB, falecido em dezembro de 2004.

*Padre, você é feliz?* É um livro que faz a apresentação e o comentário de uma pesquisa psicossocial sobre a realização humano-afetiva do presbítero católico. Essa pesquisa foi encomendada pela Comissão Nacional de Presbíteros (CNP), organismo da CNBB. A responsabilidade pela investigação ficou com Edênio Valle. A publicação dos resultados da pesquisa ocasionou acalorados debates sobre o tema da afetividade dos padres dentro e fora da Igreja.

A discussão é um prolongamento das reflexões que vêm sendo feitas pelos encontros nacionais de presbíteros. Foram realizados nove ao todo, de 1985 a 2002. A temática central é a missão evangelizadora do padre na sociedade brasileira e na sua realização pessoal. É uma discussão bastante atual não somente no interior da Igreja Católica, mas também fora dela, tendo em vista, principalmente, os escândalos sexuais provocados por padres, especialmente

nos Estados Unidos da América. Esses receberam ampla divulgação nos Meios de Comunicação. A preocupação da Igreja Católica em relação à situação afetiva dos padres fez com que a assembléia geral da CNBB realizada em maio de 2004 em Itaici, município de Indaiatuba, no Estado de São Paulo, tratasse dessa temática, apoiando-se basicamente nessa pesquisa. O livro trata das mais diversas questões que envolvem a vida do padre: sua formação inicial e permanente; seus relacionamentos com a hierarquia, com outros padres, e com a sociedade. Seus trabalhos na Igreja e fora dela, o celibato, seus locais de atuação, suas preocupações com o futuro, as estruturas da Igreja e os desafios do mundo contemporâneo, também são tratados.

É interessante notar que a leitura dos dados da pesquisa é feita não somente a partir de uma perspectiva teológico-pastoral (por Alberto Antoniazzi), mas, também sociológica (por Luiz Roberto Benedetti), e psicológica (por Edênio Valle). O enriquecimento da abordagem fica por conta não somente das perspectivas variadas, mas também porque os autores são estudiosos da problemática dos presbíteros brasileiros de hoje.

A metodologia da pesquisa visou recolher três tipos principais de indicadores psicossociais: dados sobre quem responderam ao questionário, sondagens sobre alguns aspectos psicológicos e dados que permite correlacionar a realização do padre com alguns indicadores interpessoais. Os pontos de partida para a seleção dos itens da pesquisa foram: a experiência direta do autor com padres de todo o país através de assessoria em cursos de formação e os pontos de referência apontados como essenciais na vida do padre apontados pelo Oitavo Encontro Nacional de Presbíteros, realizado em Itaici de 1 a 6 de fevereiro de 2000. O autor reconhece que o alcance da pesquisa é limitado, mas, constitui um primeiro passo importante para se conhecer mais profundamente o clero brasileiro. Os limites da pesquisa se devem a vários fatores. Um deles é a escassez de recursos técnicos e financeiros. Outro é que a pesquisa foi feita durante o Nono Encontro Nacional de Presbíteros, em fevereiro de 2002, quando estavam reunidos cerca de 360 presbíteros de 209 dioceses do Brasil. Isso fez com que a pesquisa padecesse de uma seletividade mais científica, ou seja, o grupo pesquisado participava de um encontro específico, como delegados eleitos em suas dioceses. Dos 380 questionários distribuídos, retornaram 354, ou seja, 97,7%. Mesmo não atingindo os 17.168 padres do Brasil, essa é seguramente, uma amostragem bastante representativa do universo presbiteral brasileiro.

O texto se articula em três capítulos. O primeiro nos introduz ao universo da pesquisa realizada. Aproximando-nos do tema, o autor mostra que, independentemente da faixa etária, hoje há uma maior preocupação com a subjetividade e a realização pessoal do padre, e a

pesquisa investigou em quais circunstâncias são realizados os projetos de vida dos padres, quais os empecilhos para tal e como se dá a tensão entre os objetivos pessoais e os da instituição. Essa realização pessoal é associada ao “outro”, à sociedade, à hierarquia e também, ao relacionamento com Deus (sua espiritualidade, digamos).

O segundo capítulo apresenta os dados encontrados pela aplicação de um questionário de 14 perguntas de tipo fechado e umas poucas de tipo aberto. Os resultados são apresentados por meio de tabelas. Eles mostram que os sujeitos da pesquisa são todos padres do clero diocesano, sendo que a maior parte deles foi ordenada nos últimos 10 anos (60,2%), a esmagadora maioria é constituída por brasileiros (95,6%), com concentração no sul (29,7%) e sudeste (28,4%) e atuando no trabalho paroquial (86,6%). Os resultados das tabelas qualitativas mostram que os padres que responderam à pesquisa são homens realizados com o que são e no que fazem.

Na ampla maioria, eles se sentem felizes; dão importância ao trabalho que executam na sociedade e na igreja; têm um senso de identificação pessoal com a igreja e a diocese; sentem como estimulador o seu ambiente de trabalho; dão-se majoritariamente bem com seus paroquianos e comunidades; julgam ser positivo seu relacionamento com os colegas de presbitério; valorizam a ação evangelizadora, da qual são os primeiros artífices; endossam as orientações pastorais da igreja local; sentem-se motivados e entusiasmados com seu serviço presbiteral (p. 33).

Os campos de fragilidade e insegurança que aparecem, mesmo não sendo unilateralmente negativos são: dificuldades de maturação psicosssexual, carências na espiritualidade, insegurança em relação ao futuro e insatisfação no relacionamento com os bispos.

O terceiro capítulo, mais denso e longo, traz três leituras dos dados obtidos, numa tentativa de interpretação. Pretende ajudar os leitores no aprofundamento da compreensão crítica da situação dos presbíteros quanto à sua auto-realização. A leitura sociológica é feita por Luiz Roberto Benedetti, que mostra inicialmente, a crise sacerdotal dos dez primeiros anos após a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando um número considerável de padres abandonou o ministério devido à descontinuidade entre a formação fechada que tiveram e uma igreja mudada e nova. Mostra o autor que a crise foi explicada, mas, não resolvida. A própria necessidade de uma pesquisa como essa revela que algumas coisas podem não estar tão bem encaminhadas ou resolvidas no mundo dos padres católicos. E então, como ficam as respostas reveladoras do alto índice de satisfação dos padres? É possível medir subjetividades? É possível ser feliz afastado do mundo e da história? O autor, em sua

conclusão, diz-se surpreso com o alto índice de respostas positivas, que indicam que os padres são felizes em contraste com a perda crescente de influência da Igreja sobre a sociedade. “A Igreja é respeitada e pouco seguida” (p. 79). A sua grande crítica se refere ao modelo de igreja: “o modelo de igreja hoje é eclesiástico – burocrático, formal, canônico, centralista -, em contraposição ao eclesial – feito de comunhão, solidariedade, sentido de missão” (p. 79). Daí, a consequência: a pesquisa revela a insatisfação com a instituição. Enfim, o autor dessa leitura sociológica mostra não estar totalmente convencido da tal satisfação. Para ele, ao contrário, a pesquisa deixa mais interrogações do que respostas.

A leitura psicossocial dos dados é feita por Edênio Valle, responsável pela condução da pesquisa. Ele começa por mostrar que há fortes indícios de que a configuração definitiva da personalidade se situa depois dos 35 anos e de que os tempos de maturação psicossocial mudaram e acontecem hoje ao longo de toda a vida. Além disso, ele mostra que a maturação biopsicossocial e espiritual de uma pessoa é algo complexo e até contraditório devido à dinâmica da história social e pessoal. Adiante, ele passa para a explicitação do conceito de pessoa e de auto-realização. Chega enfim, aos comentários finais fazendo um balanço dos dados. Como na visão da sociologia, nessa parte também são destacados os elevados índices de satisfação das respostas. O organizador da pesquisa discute também a questão da possibilidade generalização dos dados ou não. Sua resposta é que, com rigor científico, não se pode estendê-los seguramente a todo o conjunto do clero brasileiro. No entanto, segundo sua visão, deve estar próxima da realidade. Quando fala dos problemas, mostra que com relação à maturidade afetivo-sexual, o problema do celibato aparece bem, o que indica que precisa ser tratado pela Igreja com mais realismo e até, humildade, e não de maneira idealística e a-histórica. Com relação à espiritualidade, ele aponta que o mais grave e fundamental problema é o sentimento de carência espiritual, justamente num campo onde o padre deveria ser mestre. Com relação ao futuro e ao relacionamento com colegas e o bispo, as dificuldades precisam ser enfrentadas mais eficazmente. O autor encerra com dois testemunhos de padres que revelam estar na bem cultivada espiritualidade a chave da realização do padre.

A leitura teológico-pastoral é feita por Alberto Antoniazzi. Começa por mostrar que a teologia do presbiterato mudou da visão do presbítero como *alter Christus*, figura e sacramento de Cristo diante da comunidade, dos anos 60, para a visão do Bom Pastor, ministro apostólico entre outros ministros dentro da Igreja, para manifestar a unidade da fé, nos anos 90. O autor mostra que a pesquisa tem um silêncio em relação a vários tipos de padre, já que outras pesquisas (alemãs, italianas) e os dados dos encontros nacionais de presbíteros têm mostrado uma diversificação real do modo de viver do presbiterato. Ele

propõe uma tipologia bastante interessante: o padre-pastor, caracterizado pelo ativismo pastoral; o padre *light*, que divide o tempo dedicado ao ministério e à sua própria vida particular; o padre midiático-carismático, ou, *pop-star*, que anuncia o Cristo na mídia; o padre tradicionalista, que se inspira no modelo pré-conciliar, preocupado com as formas exteriores da identidade sacerdotal; e o padre profissional, que valoriza a competência “profissional”. A pesquisa apresenta uma visão geral de um clero bastante homogêneo e feliz, não levando em conta as diferenças.

O teólogo pastoralista começa então, a mostrar que o contexto social e eclesial em que o presbítero deve exercer seu ministério mudou. Mudaram a cultura, as mentalidades e os comportamentos. Mudou também o catolicismo:

(...) sob o influxo do mesmo processo de modernização, a fé cristã passa de um ‘regime’ (...) de ‘validação institucional’ (o povo crê – ou deveria crer – no que a autoridade da igreja ensina) para um ‘regime’ de validação (ou legitimação) comunitária. O povo crê no que sua comunidade religiosa crê. (p. 127)

Com o avanço do individualismo, passou-se à auto-avaliação, ou seja, o indivíduo passou a decidir sozinho sobre o que crer. A família não transmite mais a fé cristã, simplesmente e as comunidades eclesiais é que devem fazê-lo. E isso em concorrência com outras comunidades ou experiências religiosas. O presbítero, nesse contexto, tem que ser testemunha, e é aceito ou não, pela sua autenticidade e não pela autoridade que ocupa na Igreja. Tem que ser um missionário, um evangelizador mergulhado nas realidades de mundo onde muitos não crêem. Em vez de uma “pastoral de conservação”, ele deve partir para a evangelização, ou que lhe traz como conseqüência, uma verdadeira sobrecarga de trabalho pastoral. Não lhe sobre tempo para estudo, para atualização e para a formação permanente. Nesse contexto, é preciso descentralizar a Igreja distribuindo mais os ministérios. Isso implica uma maior participação dos leigos. Isso poderia contribuir para a melhoria do relacionamento do próprio padre com sua comunidade.

Em relação à espiritualidade, o autor mostra que hoje as pessoas necessitam de atenção especial e personalizada e o presbítero é chamado a dá-la. A última conseqüência das mudanças sobre o ministério presbiteral é a discrepância entre as expectativas e as situações encontradas de fato, tanto na sociedade quanto na Igreja, o que causa profundas decepções. O autor termina apontando perspectivas para um ministério presbiteral realmente feliz: busca de vivência genuína da fé; abertura às pessoas, aos jovens e aos novos questionamentos da época em que vivemos; descoberta da riqueza das relações fraternas com outros padres e leigos;

cultivo da fecundidade espiritual e afetiva; doação da vida na busca da comunhão com outros e Deus; reavivamento dos ideais e por fim, da perseverança.

No final, o livro traz três anexos contendo: o questionário sobre a realização pessoal do padre, o índice das tabelas e um quadro de conexões de auto-estima.

*Padre, você é feliz?* É com certeza, o livro mais sério respeitável sobre o assunto produzido no Brasil até o momento. Isso porque é uma reflexão baseada em fatos comprovados estatisticamente. Vale dizer que parece não ser tão comum a Igreja basear seus argumentos em dados concretos e resultados de pesquisa. Ela chega, muitas vezes, a ser acusada de imprecisão e superficialidade. A linguagem teológica e espiritual é, com frequência, sinal de idealismo e de negligência do contexto histórico e social. Este estudo mostra justamente o contrário: há sim, uma preocupação com a realidade, com a história e com o contexto por parte dos padres. Sem dúvida, a pesquisa exercerá e já está exercendo uma enorme influência sobre toda a literatura produzida sobre a temática.

O último capítulo, que interpreta os dados com mais fundamentação teórica tem o mérito de apresentar abordagens a partir de três pontos de vista diferentes: o sociológico, o psicológico e o teológico-pastoral. Isso permite que o leitor tenha uma visão global e, portanto, mais profunda da questão. O limite é que os três estudiosos são padres. Seria interessante que fossem apresentadas visões de pesquisadores também de fora da Igreja, para complementar as análises.

Os autores tocam em questões fundamentais, quais sejam a estrutura da Igreja, o celibato obrigatório, as relações de poder na Igreja e o seu relacionamento com a sociedade. Deixam entrever que a modernidade exige uma Igreja menos institucional e mais comunitária; que a questão do celibato como lei deve ser discutida com mais realismo e não com tabus e escrúpulos; que é necessário que imperem relações mais igualitárias no interior da Igreja; que ela precisa dialogar mais e se inserir mais na sociedade se ela quiser ser mais seguida e não apenas respeitada.

A leitura nos leva a crer que uma grande parte dos padres é feliz, apesar dos problemas. A credibilidade que goza a Igreja é alta e isso é, em grande parte, mérito dos padres, que são os representantes mais próximos do povo. O povo não daria tanto crédito a uma instituição cujos principais representantes não demonstrassem estar realizados. Há de se notar que o trabalho do padre motiva pessoas para uma participação voluntária na Igreja. É fácil imaginar que quem não está motivado não consegue motivar ninguém ao trabalho, especialmente ao trabalho voluntário.

A grande questão é se os resultados da pesquisa correspondem mesmo à realidade dos padres ou não. A pesquisa foi feita com padres eleitos em suas dioceses para um encontro nacional que trataria da temática da vida presbiteral, e no local do encontro. Os padres eleitos para um encontro como esse, na sua maioria, têm um nível de vivência no ministério que é superior em quase todos os aspectos. Por isso têm liderança suficiente para serem eleitos. Responderam ao questionário fora do seu ambiente de vivência, o que faz perder um pouco o sentido da própria realidade vivida. Outro fator é que o próprio encontro cria certo clima de entusiasmo, pela troca de experiências, pelo relacionamento com pessoas diferentes, por discussões com especialistas e por descobertas de novas soluções. Isso tudo acaba influenciando o resultado da própria pesquisa. Essas razões podem contribuir para se explicar o porquê de dados tão otimistas. Outra questão importante é que mais de 96% dos entrevistados são diocesanos, enquanto que dos 17.168 presbíteros do Brasil, 7.616 são religiosos, ou seja, 43,3% do total (Anuário Católico do Brasil de 2003, p. 100). A vida dos padres religiosos é distinta da dos padres diocesanos em vários aspectos. Um único ponto a ser destacado aqui é que, geralmente, os religiosos moram em grupo de pelo menos dois, enquanto que a maioria dos padres diocesanos mora sozinho.

A pesquisa, no modo como é abordada nesse livro, traz a importante contribuição de suscitar muitas questões a serem aprofundadas. Sendo assim, tem méritos e material para muitas outras pesquisas e interpretações. Com isso, os autores podem se dar por satisfeitos, já que alcançaram seu objetivo. É uma leitura indispensável para bispos, padres seminaristas, membros da igreja católica e de outras denominações religiosas e estudiosos da religião no Brasil. Além disso, provoca a curiosidade acadêmica: quais seriam os resultados de uma pesquisa semelhante feita em condições diferentes e com outros padres?

Recebido: Setembro/2005  
Aprovado: Julho/2007